

POESIA ELETRÔNICA E ESCRITA CRIATIVA: ENSINO DE LITERATURA EM HIPERMÉDIA

Débora Cristina Santos e Silvaⁱ

1. O ensino de literatura em meio digital

As novas abordagens do processo de ensino-aprendizagem, no contexto da sociedade contemporânea, marcada acentuadamente pela interação de mídias e utilização sempre crescente das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), tem-se tornado uma das principais preocupações de professores e pesquisadores nas Universidades e Escolas. Apesar da inegável complexidade do cenário atual, não se pode negar também que o acesso ao conhecimento se tornou muito mais amplo com a democratização das fontes do saber. Ações concretas em favor da chamada “inclusão digital” e do “letramento”, em sua natureza diversa, têm sido verificadas em todos os níveis de ensino.

No caso específico da Literatura, vivências de leitura, interpretação de textos e produção de escrita criativa podem ser proporcionadas em muitas situações de aprendizagem presencial ou a distância. Nestas experiências, têm sido desenvolvidos softwares simuladores, por meio de programas de sintetizadores textuais, sendo estes executados repetidamente pelo estudante até a aprendizagem satisfatória. Fora do âmbito escolar, sites de compartilhamento pipocam em toda a web (WWW), numa quantidade assustadora de mídias compartilhadas, integradas e emuladas, ao gosto de todo e qualquer usuário.

Já no âmbito do ensino formal, os recursos digitais podem também ser integrados a Plataformas Pedagógicas Digitais, simulando ambientes reais de aprendizagem, a exemplo da visita a museus virtuais, experiências em laboratórios de línguas e de ciências, entre outros. Em cursos oferecidos na modalidade de Ensino a Distância (AaD), surgem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), a exemplo do Moodle, TelEduc e WebAULA. Esses espaços favorecem a aquisição e a transmissão do conhecimento, uma vez que viabilizam experiências de construção coletiva, em processos de interação de indivíduos e/ou grupos, pela mediação dos diferentes atores desse novo cenário.

Desta forma, impõem-se ao professor da escola de hoje alguns desafios: a) familiarizar-se com a linguagem digital, no sentido de abrir-se ao diálogo hipermidiático; b) adquirir noções básicas de recursos de hipermédia para elaboração de material didático; c) compreender a relação autoria-texto-recepção do utente/leitor no hipertexto e em mídias digitais; d) inteirar-se dos novos processos de avaliação na aprendizagem nesse contexto.

Essa preocupação se justifica, visto que há uma inegável diferença entre a escrita linear e analógica dos leitores do livro, ou seja, da página impressa, e a dinâmica e dialógica, feita pelos

internautas de hoje na tela do computador. Neste, tanto “a noção de autoria quanto a de leitor se modificam pelas próprias condições da interatividade envolvida. No computador, o espaço de escrita é a tela, ou a ‘janela’, ao contrário do que ocorre quando o espaço da escrita são as páginas do papel.” (SILVA, 2009, p.35)

A escrita na tela possibilita a criação de um texto fundamentalmente diferente do texto no papel, o *hipertexto* que é, segundo Lévy (1999, p. 56), “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. Por isso, é preciso maior reflexão sobre as mudanças técnicas e linguísticas que ancoraram a construção social de diferentes tipos de cultura: a cultura oral, a escrita e a cibernética. É assim que os chamados “gêneros textuais” surgem como “rotinas sociais do nosso dia-a-dia (...) [De modo que] quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual”. (MARCUSCHI, 2006, p. 24, 25)

É nesse âmbito das práticas discursivas em meio digital que se impõe a compreensão do texto literário, nesse caso específico, o poético, exigindo de nós, professores, a disposição para investir em estratégias inovadoras de ensino que busquem a contribuição dos diferentes mídias e explorem a gama de recursos oferecidos pelas TICs, presentes nas relações sociais contemporâneas – terreno fértil para a nossa intervenção educativa, tendo em vista um futuro que já se mostra hoje diante dos recursos ilimitados da videopoesia, da holopoesia, da biopoesia e da LGC (Literatura Gerada por Computador).

A trajetória da literatura digital foi traçada gradativamente ao longo do tempo, desde que os primeiros PC (Personal Computers) apareceram, na década de 1980, inaugurando a chamada “revolução tecnológica” e favorecendo o nascimento da cibercultura. Esse termo, já bastante popularizado hoje, aglutina o prefixo grego “ciber” (piloto) ao termo “cultura”, sugerindo exatamente o sentido de movimento, de navegação, de trânsito, o que ressalta o intenso dinamismo dessa sociedade da informação. (LÉVY, 1999)

E é justamente aí, no domínio da videopoesia, da holo e biopoesia, da hiperficção e da LGC – produções que abrem o espaço de diálogo intermédica - que nos encontramos com poetas luso-brasileiros contemporâneos, a exemplo de E. M. de Melo e Castro e Pedro Barbosa, Eduardo Kac e Arnaldo Antunes, integrantes de uma geração que renova o fazer poético, sem medo de aventurar-se ao novo, e sem perder o respeito à tradição e a tudo de valioso que ela nos legou. Além destes, não se pode esquecer os que ousaram compor o discurso interartes, na exploração do poema-objeto, das instalações e das performances, como é o caso de Salette Tavares, Ana Hatherly e Fernando Aguiar. Desse ponto de partida, passamos a considerar a Ciberliteratura e as possibilidades de ensino de literatura em hipermedia.

Para Barbosa (1998), Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura são termos que designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação, que é o seu uso corrente. A introdução da interatividade no momento da recepção do texto em processo pode conduzir a uma intervenção nas funções tradicionais do autor e do leitor, mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final. Desta forma, entra-se num processo de *escrita-pela-leitura* ou de *leitura-pela-escrita* que se pode denominar de "escreitura", o que implica um novo papel para o utente/leitor – o "escreitor".

No estado em que se encontra hoje, de acordo com Barbosa (2001), a LGC abrange três grandes linhas, gêneros ou tendências de criação textual, as quais muitas vezes podem assumir uma forma mista: a) a *Poesia Animada por Computador* que, na continuidade da poesia visual, introduz a temporalidade na textura frequentemente multimidiática da escrita em movimento na tela do PC; b) a *Literatura Generativa* que, mediante "geradores automáticos" apresenta ao leitor um campo de leitura virtual constituído por infinitas variantes em torno de um modelo; c) a *Hiperficção* - narrativa desenvolvida segundo uma estrutura em labirinto, firmada na noção de hipertexto, dentro das dimensões do hiperespaço, em que a intervenção do leitor vai determinar um percurso de leitura único que não esgota a totalidade dos percursos possíveis no campo de leitura

Tendo em vista essas considerações iniciais, pretendemos, nesse artigo, apresentar um exemplo de leitura de poesia digital, com aplicabilidade prática para o ensino-aprendizagem da literatura e para o exercício da escrita criativa.

2. A leitura do poema digital: em “Brin cadeiras”, de Salette Tavares.

Salette Tavares (1922-1994), escritora e artista, natural de Moçambique, foi fundadora, juntamente com Herberto Helder, António Aragão e E.M. de Melo e Castro, do movimento literário da Poesia Experimental Portuguesa, iniciado na década de 1960, e que se estendeu até as décadas de 70/80, com o advento das poéticas digitais. A autora manteve-se produtiva até sua morte, tendo conservado, na memória artística nacional, o importante papel de pioneira da poesia portuguesa visual e das artes plásticas, tendo sido, inclusive, objeto de uma rica exposição do conjunto de sua obra, intitulada “Desalinho das Linhas”, promovida pelo Plano Nacional de Leitura do Ministério da Educação, por ocasião do Dia Mundial da Poesia, em 21 de março de 2010, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, no qual foi homenageada.

O “poema-objeto”, muito freqüente na produção de Salette, é um tipo de criação híbrida que desloca o objeto de seu estado usual e instaura-o em um novo contexto, recriando-o em nova forma, numa experiência estética singular. Essa (re)contextualização, manifesta nas artes plásticas e visuais em criações de artistas como Marcel Duchamp (*Bicycle Wheel* – 1913 e *Fountain* – 1917), inaugura o conceito de *object trouvé* – ou seja – o objeto encontrado (TORRES, 2006). Na prática, isso quer dizer que, por conta do processo de metaforização do objeto instaurado pela arte, um bule, uma xícara, uma jarra são deslocados de seu uso natural e passam a assumir uma função estética e simbólica, numa reconstrução de conceitos desse mesmo objeto. .

Com efeito, as criações de Salette abarcam uma gama complexa e ampla de produções muito diversificadas. Criações como OUROBESOURO – poema-objeto de cristal e ouro – o poema MAR AVE ILHA – possui uma versão em caligrafia em porta de vidro, propondo a leitura numa variação de suporte, que transita do opaco (folha de papel) ao transparente (folha/porta de vidro) – um suporte simbólico de mediação do espaço. Desta forma, o poema propõe uma reflexão sobre os suportes da escrita e suas diferentes formas de mediação e intermediação do escrito. Faz-nos refletir sobre as intervenções de mídias em nossas leituras, desde as mídias de sistemas fechados (em que a informação de *input* é igual à informação de *output*), a exemplo do DVD, do rádio e da TV, até as mídias de sistema aberto, como o PC (em que a informação de *input* é diferente da informação de *output*). (TORRES, 2008)

Brin cadeiras é uma série de poemas visuais de Salette que aparecem no 1º Caderno Antológico da Poesia Experimental Portuguesa, de 1964. Nele, poemas em tipografia, como *Aranha*, *Os Efes*, *As Kinetofonias (Taki Taki/ Rim Ri Ri)*, *Aranhão*, *Poemas em efe*, entre outros, exploram os efeitos sonoros e/ou visuais da escrita, num jogo de imagens e sons que intensificam o efeito poético da mensagem. Efetivamente, o brincar para Salette exprime a relação criativa da criança com o mundo que aprende – um estado natural e permanente, tanto na escola como em casa. Para a criança, não há espaços vazios. Na ausência de estímulo, de objetos, de brinquedo, outras coisas os substituem – mas o lugar do objeto é preservado. (TORRES, 2006)

Outros poemas como *Cágados*, *O Menino Ivo/ Ode A Cri...Cri...Cri... Tica... da Nossa Terra* (1965) munem-se de jogos verbais, explorando os aspectos verbivocovisuais da linguagem, na esteira da tradição concretista que conhecemos nas produções de Haroldo e Augusto de Campos, e seus herdeiros, a exemplo de Paulo Leminski e Arnaldo Antunes. Em *Maquinim* (palavra que aglutina os termos máquina e manequim) a autora destaca a linguagem poética em suas múltiplas e diversas roupagens. Assim, o fazer poético aparece como o ato de travestir-se, de transformar-se, de refazer a realidade e múltiplas possibilidades de criação e fruição.

A experiência de leitura que aqui propomos é fruto da iniciativa de pesquisadores

portugueses e brasileiros que estudam a literatura luso-brasileira contemporânea, na perspectiva de sua herança estética, a partir dos movimentos da poesia experimental portuguesa e do concretismo brasileiro. Com o intento de promover a disseminação, o estudo teórico e o aproveitamento didático-pedagógico da produção literária de nossos poetas e escritores, surge o projeto PO-EX 60/70-80, cuja plataforma se encontra disponível para a utilização de professores, pesquisadores e estudantes interessados. O objetivo do projeto “PO-EX - Poesia Experimental Portuguesa: Cadernos e Catálogos” (2005-2008) é exatamente recolher, classificar, digitalizar e reproduzir em formatos digitais a produção da poesia concreta e visual portuguesa associada ao movimento da Poesia Experimental dos anos 60 (conhecido como PO.EX), e posteriormente dos anos 70-80 (2010-2012), com vista à produção de um CD-ROM e de um Portal na Internet (<http://www.po-ex.net>).

Com essa iniciativa, a Universidade Fernando Pessoa, sediada em Porto, Portugal, juntamente com pesquisadores brasileiros, entre os quais me incluo, oferecem à comunidade acadêmica, aos professores e alunos da Escola Básica e ao público em geral um ambiente virtual propício à interação, apreciação estética e aprendizagem. Nesse portal, os professores poderão dispor de boa parte da produção poética dos autores portugueses, bem como de textos teóricos, escritos sob forma de artigo, que poderão ser úteis para compreensão, interpretação e transposição didática da literatura.

Desta forma, o professor poderá seguir, a partir de agora, os passos seguintes para que desenvolvamos nossa experiência de leitura, melhor dizendo, de “escrileitura”:

1. Acesse o portal pelo endereço: <http://www.po-ex.net>
2. Explore os links da barra superior para conhecer melhor o contexto do portal
3. Clique no link “Releituras”
4. Neste, acesse *Algarismos Alfinete*, de Salette Tavares.

Pronto, você já está diante dos poemas que iremos analisar. Agora, firme sua atenção no poema digital de Rui Torres e Jared Tarbel, uma releitura em formato eletrônico de uma das *Brin cadeiras*, o poema *Algarismos Alfinete*, de Salette Tavares. Logo abaixo, você terá a versão original do poema visual da autora, publicado no Caderno 1 da PO-EX. Para conhecê-la melhor e os aspectos peculiares de seu trabalho poético e artístico, acesse no link “Artigos”, o texto de Rui Torres, intitulado “Transposição e variação na poesia gráfica de Salette Tavares”.

Partindo do poema visual de Salette Tavares, *Algarismos Alfinete*, você poderá iniciar, junto com seus alunos, um estudo exploratório do vocabulário utilizado pela autora para compor seu texto. Os vocábulos parecem surgidos diretamente de um dicionário, uma vez que consistem todos em termos iniciados pela letra “A” (Álamo, Alfenim, Ali, Alcorão, Alcool...). No entanto, subvertendo a ordem linear e alfabética do dicionário, a poeta os dispõe, ordenando-os em grupos de vocábulos, distribuídos na página, em diferentes direções de leitura: da esquerda para a direita e da direita para a esquerda (de “cabeça para baixo”), numa leitura “em espelho”. Nesse aspecto, já se

percebem alguns recursos da poesia visual: o aproveitamento do espaço em branco da página, o efeito visual da palavra sobre a página, a sugestão de movimento, as múltiplas possibilidades de leitura, entre outros. Na sequência, você poderá empreender com seus alunos uma busca de relações entre os vocábulos agrupados, privilegiando os aspectos fônicos (construção dos sons) e visuais (construção de imagens). Aqui, você pode aproveitar para esclarecer conceitos básicos da estrutura do gênero lírico, no que se refere à musicalidade do poema, a exemplo da “aliteração” (repetição de fonemas consonantais) e “assonância” (repetição de fonemas vocálicos), lembrando-se de que, no nível fonético do poema, nunca se deve referir-se à letra (no caso a letra A, mas ao fonema /a/). Depois, é possível estabelecer relações semânticas, uma vez que o conteúdo desses termos, envolvidos nesse contexto de construção poética, não pode ser desprezado. Nessa altura, o uso do dicionário para esclarecer alguns significados de palavras pode ser útil para uma melhor compreensão do poema. O destaque aqui vai para a opção pelo uso de “Maiúsculas”, nem sempre relacionadas a substantivos próprios, como em Ali e Almirante. Nesse caso, pode-se refletir sobre a intencionalidade da poeta ao construir seu texto. Mesmo uma aparente “falta de sentido” faz sentido, ou mesmo, vários sentidos. É possível explorar essa dimensão da comunicação da mensagem, lembrando que um poema é, antes de tudo, um “evento comunicativo”.

Para proporcionar experiências de “escrita criativa”, você poderia propor também um exercício de elaboração de poemas visuais, tendo como base vocabular outra letra do alfabeto para construção de novos fonemas e grupos de palavras (P, R, T, E...), estabelecendo novas relações morfosintáticas e semânticas, recorrendo, assim, aos recursos da musicalidade, do ritmo, da espacialidade, da visualidade do poema. Inicialmente sem animação ou uso de recursos acústicos e/ou cinéticos, os textos seriam elaborados no papel (ou tela do PC), mas apenas com recursos da escrita: tipo, cor, formato das letras, configuração do espaço, direções de leitura, formação de imagens estáticas, enfim. Na prática, essa experiência poderia gerar uma reflexão fecunda sobre as peculiaridades do gênero lírico, bem como os recursos estilísticos a serem explorados na composição de produções dessa natureza. Uma exposição dos poemas visuais dos alunos, feitos em cartolina, papel-cartaz, sob forma de colagens de jornais e revistas, poderia ser estimulante a práticas individuais e/ou coletivas de produção poética. Poemas em forma de *caligramas* – que criam figuras, a exemplo de taças, de asas, de cruces, cubos e círculos, entre outras formas – seriam interessantes para fixar o conceito de “poema-objeto” em Salette Tavares.

No desenvolvimento dessas atividades de leitura e escrita com o poema visual, você poderá trabalhar também com o poema digital, que, nesse caso, consiste em mais um exercício de escrita criativa do poema original. Nesse poema, Rui Torres e Jared Tarbel utilizaram recursos de animação para dar movimento às palavras e reproduzir, com muito mais eficiência, o efeito

sugerido por Salette Tavares no poema impresso. Esse fato, por si mesmo, já pode suscitar uma discussão com a turma a respeito da intensificação dos “efeitos de sentido” da mensagem em formato digital, uma vez que o poeta tem a seu dispor muitas ferramentas de natureza multimidiática para a transposição de códigos e signos verbivocovisuais (palavra, som, imagem, movimento, animação, ritmo, entre outras). Assim, um dos primeiros efeitos que mais chamam atenção no poema digital é o cinético, ou seja, o efeito de movimento conferido às palavras, que “gravitam” no espaço em branco, já agora em terceira dimensão, uma vez que não se encontram mais no plano linear do papel. Há uma dimensão de profundidade, de zoom, que lança outra perspectiva de olhar, como se os vocábulos fossem “planetas” flutuando no “ciberespaço”. Nesse contexto, as palavras gravitam como satélites num sistema em rede, num trânsito descontínuo e fragmentário, que pressupõe a própria potencialidade do “caos” (do dicionário, da língua, do signo) em seu estado de virtualidade. Esse jogo de espelhos sugere uma constelação de signos verbais que surgem como metáforas da própria linguagem, em seu espírito criador! Nessa dimensão, indaga Pedro Reis: “Onde está o texto informático? Num certo sentido, podemos afirmar que não está em lugar nenhum (...) não se encontra num lugar determinado (...) o leitor contempla o poema, vê o texto ganhar vida diante de seus olhos e durante um determinado período de tempo. (REIS, 2006, p. 45,46). Assim, temporalidade, materialidade e visualidade são dimensões que se apresentam de forma bastante diferenciada no texto digital.

Outra dimensão a ser explorada nesse poema é a possibilidade de interação do utilizador/leitor. Isso porque, utilizando a ferramenta do “mouse”, o leitor poderá “cliquear” em cima de qualquer um dos vocábulos. Ao fazer isso, provoca um deslocamento da palavra em *zoom*, projetando-a para “fora da página”, na direção do próprio leitor. Esse movimento amplia o vocábulo, centralizando-o na página e aumentando sua dimensão, conferindo-lhe maior visualidade e materialidade. A “brincadeira” consiste em escolher os vocábulos e conferir-lhes movimento, gerando uma proliferação de leituras cruzadas e dinâmicas que intensificam a experiência estética.

Se a escola tiver um laboratório de informática, alguns recursos estão disponíveis em softwares especializados e podem gerar novos poemas cinéticos produzidos pelos alunos, e uma exposição desse trabalho poderia ser igualmente interessante. Outro recurso possível seria utilizar-se do *Poemário*, blog de poesia combinatória, aberto ao domínio público, criado pelo pesquisador português Prof. Dr. Rui Torres, coordenador do CETIC, e que está disponível no endereço: <http://telepoesis.net/poemario>.

Nesse blog, você, professor, poderá conduzir seus alunos em exercícios criativos de elaboração de poemas digitais por meio de um programa de computador que consiste num gerador de texto automático (o SINTEXT – criado por Pedro Barbosa, Abílio Ferreira e José Manuel

Torres), atualizado no software *Poemário*, criado por Rui Torres e Nuno Ferreira. O site é fácil de usar. Ao acessá-lo, basta “clique” em um dos *Motores Poéticos*, listados na coluna da direita. Esses motores são, de fato, “releituras” digitais de produções literárias impressas de diversas autorias (Camões, Florbela Espanca, Herberto Helder, Mallarmé, Allan Poe), criadas por poetas portugueses contemporâneos. Depois de “montar” seu poema, o leitor poderá “clique” em @ para publicá-lo. Desta forma, seu poema ficará postado no blog *Poemário*. A experiência é bem divertida e promete momentos de leitura e escrita produtiva entre alunos e professores.

Com esta última sugestão, encerramos esse breve ensaio, com o qual buscamos oferecer opções para algumas vivências de leitura de poesia, no sentido de enriquecer os momentos de aprendizagem e apreciação estética da literatura em sala de aula e fora dela. Nosso interesse é que, desta forma, possamos incentivar professores e alunos à leitura e ao estudo de poesia, com recursos variados de multimídia e por meio de exercícios eficientes de escrita criativa. É que a pesquisa literária seja desenvolvida no âmbito escolar e que nossos professores sejam, antes de tudo, pesquisadores e fruidores da arte e da poesia.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Pedro. *A Ciberliteratura: criação literária e computador*. Lisboa: Cosmos, 1996.
- _____. A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador. *Revista da UFP*, Porto, Pt, v. 1, n. 2, p.181-188, maio/1998.
- _____. O computador como máquina semiótica, 2001. Disponível em: <<http://pedrobarbosa.net/artgonline.htm>>. Acesso em: 26 de setembro de 2010.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário et al. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- REIS, Pedro. Média digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade. *Cibertextualidades*, Porto, Pt, n. 1, p. 43-52, jan/dez. 2006. ISSN: 1646-4435
- SILVA, Débora C.S. Do verbo ao pixel: interfaces do poético em hipermídia. *Cibertextualidades*, Porto, Pt, n. 3, p. 31-41, jan/dez. 2009. ISSN: 1646-4435
- TORRES, Rui. Transformação, transposição e variação na ciberliteratura de língua portuguesa, 2008. Disponível em: < <http://telepoesis.net/papers> >. Acesso em: 26 de setembro de 2010.
- _____. Transposição e variação na poesia gráfica e espacial de Salette Tavares. *Aletria*. Belo Horizonte, UFMG, p. 267-284, jul/dez, 2006. Disponível em: www.lettras.ufmg.br/poslit.

WEBREFERÊNCIAS

<http://www.telepoesis.net>
<http://www.po-ex.net>
<http://www.laboratoriumdigital.org>
<http://www.ociocriativo.com.br/meloecastro>
<http://www.pedrobarbosa.net/artigos-online/lgc-artigo.htm>
<http://www.triplov.com/creatio/mourao.htm>
<http://hypermedia.univ-paris8.fr/Groupe/biblio.html>
<http://www.cyberartsweb.org/cpace/>
http://www.geocities.com/a_fonte_2000/tecnopoesia.htm
<http://cetic.ufp.pt/sintext.htm>
<http://directory.eliterature.org>
<http://www.sitec.fr/users/akenatondocks/>
<http://www.ciberpoesia.com.br/>

ⁱ Pesquisadora do projeto “PO.EX 70-80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), com fundos do MCTES e da União Europeia (Ref^o: PTDC/CLE-LLI/098270/2008), no Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento da Universidade Fernando Pessoa. Pós-doutora em Literatura e Hipermedia (UFP-Porto-Pt). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Membro da Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia, fomentada pela FAPEG. Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e do Centro Universitário de Anápolis.